



ALBUM

S

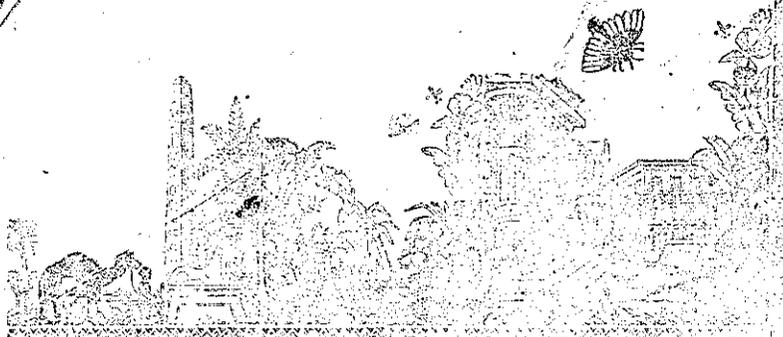
DAS

MENINAS

REVISTA LITTERARIA
 E
 EDUCATIVA
 DEDICADA A'S JOVENS BRAZILEIRAS



PROPRIEDADE
 de
 Aulhia Emilia Franço



ALBUM DAS MENINAS

REVISTA LITTERARIA E EDUCATIVA DEDICADA AS JOVENS BRASILEIRAS

PROPRIEDADE DE ANA LJA EMILIA FRANCO

Pagamento por semestre	PREÇO DA ASSIGNATURA, 5\$000 POR SEMESTRE <i>Endereço: Largo do Arouche, 58</i>	Num. avulso Rs. 1\$000
---------------------------	--	---------------------------

A's Mães e Professoras



Na epocha que atravessamos a moderna sociedade baseada no calculo frio e nos interesses materiaes, parece que sacia-se inteiramente na sede do gozo, sem jamais sentir a falta de uma crença religiosa.

Felizmente porém, as agitações politicas, as eventualidades financeiras e a indifferença da maior parte dos homens, pelas questões que estão fóra da vida material, não adormeceram totalmente o espirito humano á ponto de impedir que muitos ainda penssem por vezes na sua razão de ser e no seu destino. Assim é que abalisados talentos e espiritos tenazmente entregues às profundas locubrações do pensamento, são unanimes em affirmar que um perigo nos ameaça pelo desencadeamento de materialismo, da indifferença e desequilibrio moral. Na indifferença principalmente é que está o chaga que nos devora e a verdadeira doença do seculo,

A crise em que o mundo civilizado está envolvido é immensamente maior do que a prevemos. « E' um contagio, diz Vitet, e não pretendamos dissimular-o. Contai os que se acham nos dois campos oppostos onde se manifesta um resto de vida, aqui para attacar, além para defender a idéa christã. Fóra d'estes dois campos, vede uma multidão innumera-vel, inerte, inanimada, verdadeiro mar morto em que parece não existir ente nenhum vivo' E' esse mundo que urge conquistar, mas sem perder uma hora porque o momento é solemne ». Considerando sobre este ponto, vemos que uma tremenda responsabilidade pesa sobre nós, como mães e como mestras e que por isso cumpre-nos contemplarmos a vida de mais alto, despertando-nos d'esse somno descuidadamente tranquillo e entorpecedor, que chumba o nosso espirito a um materialismo objectivo, tão notavelmente caracteristico nos nossos dias.

Temos o imprescendivel dever de enchermo-nos d'essa piedade, que como bem diz Maria Amalia : « Todos devemos sentir, e que em nome d'ella todos devemos trabalhar, para a emancipação deffinitiva d'alma humana, Psyché escravizada que chora e se lamenta no limbo tenebroso em que jáz ainda captiva ». Sim urge inculirmos no animo da mocidade confiada as nossas mãos, tudo quanto é honesto e puro, grande e santo, desde o amor que é a flor e o perfume da vida, até o culto de Deus que é o remate da perfeição intellectual. Poderemos é verdade sentir desfallecimentos transitorios, poderemos n'uma hora hesitar sobre o caminho que nos convém eleger, mas não devemos succumbir na inercia, e sim trabalharmos com todas as nossas forças para formar

na melhor educação moral o animo e a vontade da geração que hoje brinca descuidosa e que ha de amanhã governar o mundo e produzir a geração que tem de lhe succeder. E' incontestavel que nós temos aspirações que a materia não tem, sentimos necessidades d'alma porisso se não reduzem ao circulo dos gosos e interesses materiaes a nossa actividade e desejos.

A necessidade do ensino religioso rebenta immediatamente desta verdade.

«Religião ! Diz um escriptor contemporaneo, tu és a fonte de toda a fé ; manancial de esperanza e de animo ; edificio gigantesco em torno do qual tumultuosamente se agita a razão humana ; via mysteriosa que liga o tempo com a eternidade e conduz a alma dos vivos perante a d'aquelle que desappareceu na terra ! »

Como tu és contestada e vilipendiada ! Mas como deixar de ser assim se existem tantos seres a que nenhum laço divino os pode elevar ao Creador, e para os quaes adiante do tumulto cerram-se as trevas do aniquillamento ? Depois da morte o nada !

E ha quem pretenda persuadir-nos de que a razão basta para servir de freio ás paixões sem o auxilio da religião. Completo engano ! O homem quanto mais se engrandece, diz Victor Hugo, mais deve crer. No nosso tempo quasi que não ha senão uma desgraça : a tendencia para restringir tudo á vida terrestre é aggravar com a negação todas as miserias, e accrescentar o flagello do nada e do padecimento, isto é, da primeira lei de Deus, fazer uma desesperança. Deste mal é que resulta as convul-

sões sociaes. Desejo que n'este mundo se melhore a sorte dos que padecem, mas não me esqueço de que o primeiro melhoramento consiste em lhes dar a esperança.

Quanto a mim creio profundamente n'um mundo melhor, e, aqui o declaro, esta é a suprema certeza da minha razão, como também a suprema alegria de minha alma.»

A vista do que acabamos de expor, vemos que ninguém poderá revelar melhor o seu patriotismo, do que empregando os seus esforços para imprimir no coração da juventude os são princípios da moral christã, elevando os espiritos, purificando as almas e augmentando-lhes o numero dos prazeres nobres e sublimes, em vez de lhes encrudescer as paixões.

Praza ao céo, que nós pudessemos melhor comprehender a santidade dos nossos deveres! Só assim nós desprenderíamos de muitas frivolidades que ainda tanto nos preoccupam, reunindo todos os nossos esforços e vigílias para que d'essa união fecunda resulte a grandeza futura da humanidade. E se procedermos d'este modo, Deus animará por certo os que se empregarem em cultivar a rica sementeira da regeneração da patria, concedendo uma immortalidade gloriosa e feliz, para aquelles que sentirem e bem amarem a verdade, vibrarem com a belleza das cousas e praticarem a eterna justiça.

A religião não é como geralmente suppõe-se, apenas psalmodiar o catheçismo, ouvir a missa aos domingos e dias santificados, murmurar pela manhã e a noite—RESAS—a que muitos não ligam o menor sentido. Ella tem deveres mais austeros que devem

ser profundamente gravados no coração da juventude, d'envolta com a caridade que é a sua mais solida base.

E para que seja melhor comprehendida é preciso mostrar-lhes esses abysmos ugolinescos, onde gemem tantas familias desoladissimas, prostradas, desorientadas esturrecidas entre quatro paredes nuas junto d'um lar sem fogo, sem pão e sem esperança, é ahi que nossos filhos aprenderão a sublime paixão das liberalidades voluntarias ao bem commum, só ahi elles comprehenderão em todo a sua extensão a excelsa grandeza d'essa religião que Jesus proclamou à beira do poço de Jacob, que é a expressão immortal de nossa fé e das nossas esperanças. Assim não nos tornemos com a nossa indiferença desdenhosa n'uma especie de sociedade egoista, impraticavel, estagnada e esteril como o Asphaltite, lembremo-nos qué temos de dar restrictissima conta do emprego do nosso tempo e da nossa disidia para com aquelles cuja intelligencia devemos esclarecer e encaminhar para o bem. Não nos venham porém dizer que as conquistas do espirito moderno é que contribuíram para tornar a sociedade descrente e impia.

N'este ponto suspendam-se as observações da minha humilde penna e ouçamos a voz autorizada de Latino Coelho : « Há alguém que impute á Sciencia o gelar nas consciencias a inspiração sobrenatural, que a torna cúmplice dos desvarios com que a ignorancia e não o saber desacatam a Deus, a razão a consciencia e o dever ! Accusam-na de altear as soberbas humanas de egualar quasi o homem ao Creador, de bafejar as vaidades com que nos podem sup-

por a nós mesmos a propria divindade e a indifferença de minar os alicerces da fé antiga, de fazer da terra inteira um sepulchro doirado de falsos esplendores em que a voz da impiedade escreveu o epitaphio da crença e celebra como sacrificadas tradições mais angustas dos respeitos humanos a brutal hecatombe da razão.

Perguntai a Newton, ao cardeal Wiszeman, ao jesuita Secchi se a sciencia é ante-christã e elles vos hão de responder que a sciencia que explica o universo não pode ser a blasphemia de Deus, mas antes é o commentario da divina intelligencia. »

Ao concluir diremos que se n'estes ultimos tempos a nossa instrucção tem progredido; no nosso mundo moral tudo está ainda por se fazer e nada se fará sem que trabalhemos com dedicação e esforço. Assim em vez de conservarmo-nos n'uma systematica abstenção, n'uma attitude espectante, trabalhe-mos na grandiosa obra da regeneração moral da nossa cara patria, combatendo os indifferentes ou hostis, colligindo forças para a acção e encaminhal-a devidamente. Se hoje estamos sós teremos cooperadores amanhã. E se estes torem poucos á principio serão muitos mais tarde.

Sò assim como uma aurora esplendida de promessas infindas se ampliará para todos o vasto horizonte do porvir despontantando-nos finalmente cheio de brilho e de grandeza.

S. Paulo, 14 de Agosto de 1899.

ANALIA FRANCO.

O MAR

Quantas emoções, quantas idéas revibra em nós a contemplação do mar! Quando se avistam seus horisontes diaphanos, quando se observam seus movimentos constantes, quando se experimentam suas procellas medonhas, quando se excutam seus bramidos horrisonos, a alma oscilla nos, debate-se no calafrio do sublime fica absorta, abysmada—porque o mar é o que existe de mais grandioso e formidavel do mais solemne e soberbo em toda a vastidão do planeta.

A transparencia da sua superficie, que parece um fragmento do céo excede em brilho um chrystal veneziano; o anil das suas aguas, que assemelha uma diluição de saphyras; a phosphorescencia de suas ondas, que relembra uma iriação de brilhantes, os raios mordentes do sol que lhe lavram recamos de ouro, e os reflexos macios da lua, que lhe salpicam recamos de prata, as suas frescas brisas e as suas espumas referventes; as suas conchas nacarinas e as suas fulvas areias; as suas algas verdes e os seus roseos coraes; as suas cavernas esponjosas e as suas plantas esquisitas; os seus pégos insondaveis e os seus peixes variadissimos; e, depois as suas brumas espessas e as suas borrascas furiosas, as suas restingas traiçoeiras e os seus naufragios tremendos, os urros do vergalhão que embraveja e arrebenta em serras e os gritos do marujo que se lhe afunda e sepulta nas voragens; e, por sobre tudo isto, a immensidade, a uniformidade, o infinito, tocando, continuando-se, confundindo se, perdendo-se n'aquellas interminaveis amplidões = oh! o mar é na vida da natureza o que melhor define e mais se ajusta á vida do espirito: é pelo poder de suas energias e pela força dos seus contrastes, o que melhor caracteriza e mais se apropria aos im-

pectos da imaginativa, ao relevo do sentimento, ás profundezas da idéa, aos éstos do desejo, aos apertos da dor, aos repellões da desgraça, é poesia e é sciencia, é saúde e é esperança do homem. Assim se explica e comprehende porque o mar tem sido sempre o grande fermentador do genio, o grande reflector da crença, o grande factor da História, o grande impulsor e conductor da civilização humana. N'elle se reuniram as culhissimas cidades asiaticas, egypcianas e gregas, que foram o fim cinzelador do saber antigo. Por elle peregrinou Homero repetindo os seus immortaes hexametros e junto delle discorreu Platão pronunciando os seus discursos divinos. As suas vozes sonoras adestraram a lingua de Demosthenes e as suas tepidas vi-rações afagaram a harpa de David. A crina das suas aguas serviu de fundo ao theatro de Eschylo, de jazida ao corpo de Sapho e de alfombra ás procissões hellenicis. Nas suas praias lansejantes cantou Virgilio como propheta e nas suas abas contornadas prégoou Jesus Christo como Deus. Por cima do mar esteiraram os Apostolos para evangelisarem as gentes; a beira mar foi escripto o Apocalypse, e nas celugens do mar viu o discipulo amado desenhar-se a Virgem pura. Em frente do mar concebeu o Dante os mais excelsos tercetos da sua phenomenal epopeia catholica e traçou Camões a: mas formosas estancias do seu triumphal poema de navegação oceanica. Do seio azul do mar surgiu aos olhos de Gama a mysteriosa Asia précingida de brocados e tocada de perolas, e aos olhos de Colombo a joven America rescendente de perfumes e cravejada de diamantes. Das entranhas palpitantes do mar nasceu a romantica Veneza e no Lido de Veneza, á hora melancolica do sol posto, ao toque cadencioso do *Angelus*, até o vulcanico poeta da duvida, de desesperança e de orgia, o proprio Byran, bello e perfido como Satan, atalhado de estranha commoção, entrou subitamente em choro, genuflectiu e atravez das lagrimas e das preces; elle, o incredulo, elle, o sensualista, contemplou a Mãe do Verbo, adorou a Virgem.

Depare que se lhe debuxavan a retina extasiada, deslizando sobre as aguas do mar aureolada pela purpura do occaso, ceruleu manto, seguida de candida pomba de mãos postas no seio extremoso, como que chamando a si todos os mortaes, todos os filhos seus que, aquella hora bemdicta de fé e de amor lhe estendiam os corações esbrazeados e os braços supplicantes.

Alves Mendes.



Mimoso botão de rosa,
Pétala de alvo jasmim.
Lyrio branco da campina,
Gota d'agua chystalina
No calix de um bugarim.

Arrulo das castas rolas,
Lindo flóco de algodão
Entre as flores do vallado
De perfumes saturado,
Suspiro da viração.

Meigo sorriso da aurora
Beijando as pompas do val,
Sylphos das azas douradas,
Que nas roscoas madrugadas
Se eleva do matagal.

Musa dos olhos celestes,
De rizo meigo, infantil,
Tens da alvorada os fulgores,
E s lindo como os amores
Como o teu nome, Gentil

Q D. Luiza Amelin

UM ROMANCE

Ha quasi dous mezes que se acha no prélo um romance em dous volumes intitulado *A FILHA DO ARTISTA*.

A sua autora tendo ultimamente grandes accumulacões de trabalhos, resolveu suspender a publicacão d'esta *Revista*, até concluir a impressão do referido romance, que em breve vae sahir a publicidade.

Na composicão d'este trabalho, resolvi seguir, quanto possivel o conselho d uma distincta escriptora, que ha tempos dirigiu um appello ás nossas patricias, a quem sobram alguns momentos de lazer, para em vez de gastal os em futeis passa-tempos, que muitas vezes matam ou atrophiam o sentimento, flor odorifera que é o principal perfume d alma, escrevessem romances moraes, fallando ao espirito e ao coração para serem lidos com interesse.

N'este romance, em que a minha humilde penna limita se á narrativa de alguns factos acontecidos nos ultimos dias da escravidão, d uma raça infeliz cujo sangue e lagrtmas nosso solo ha embebido; eu procuro distanciar me o menos possivel da natureza, aproximando-me do coração, auscultando lhe as palpitações no empenho de achar o melhor meio de prescrutar lhe esses mil segredos, que se occultam no immenso e por vezes bem medonho laboratorio das paixões hmanas.

Alem disso, procuro tambem dar uma idéa mais ou menos aproximada, dos nossos costumes e festas populares, limitando-me a descrever com sinceridade as scenas que presenciiei, sem recames de phrases, nem bellezas de estylo, dando apenas aos factos certa feicão romantica, afim de tornal-os menos aridos.

O seu unico merito é fallar ao sentimento. E se o homem como diz Pelletan, sente mais do que pensa, é necessario e realmente natural, melhora o ainda mais pelo sentimento do que pelo raciocinio, e, que em todo o caso pelo conjuncto d'estes dous elementos de que se compõe a natureza humana. Tal se nos afigura a missão da poesia, do romance ou drama : encaminhar pelas altas condições do bello, para a successiva conquista do bem o espirito da humanidade. No meio porém da indiferença banal ou imbecil da vida pratica, quasi completamente materialisada em nossos dias, ha tão pouco quem nesta terra se interesse pelas obras de artes, especialmente aquellas que nos pertencem, que na realidade é de una enorme difficuldade a empreza á qual me abalancei.

E effectivamente mystério não póde ser para ninguem, a raridade da leitura entre nós. Se este facto lastimavel se dá como principio geral, menos custará a crer a raridade da leitura de livros escriptos por nossos patricios. E, porisso não posso deixar de lamentar este desamor da nossa terra para tudo quanto nos pertence.

O aspero trabalho pratico a que todos hoje se entregom, a complicação crescente de esforços que reclamam as multiplas difficuldades da nossa vida actual, emfim a feição utilitaria que a moral está tomando, tudo isto como que produz nos animos uma especie de aborrecimento profundo de pesada e vaga tristeza, e é por isso mesmo que mais necessitamos de nos reconfortarmos na leitura, nas curtas horas que nos restam de descanso.

Que manancial de consolações não haveria para muitos si se habituassem á leitura procurando livros que agradassem e servissem ao mesmo tempo de salutar exemplo ?

Grande parte dos males que nos attingem provem de nos entretermos nas horas de lazer, com sensações e não com idéas.

« Se a arte, diz Eliot não serve para ampliar e desenvolver no homem o *poder de sympathia*, então não tem va-

lor moral de especie alguma. O unico effeito que eu desejo produzir em o que escrevo, é este : fazer com que os que me leem fiquem mais aptos para *imaginar* e para *sentir* as alegrias e as dores até d'aquelles mesmos com quem nada mais tenham de commum: senão a condição de creaturas humanas sujeitas ao erro, sujeitas á dor, sujeitas á lucta cruel da vida ! »

Existem é verdade escriptores que ungiendo a palavra para todas as durezas da vida, para todas as feridas do coração, consolam e pacificam as tempestades da nossa alma, filtrando nos no animo, a paciencia, a conformidade, a tolerancia, a caridade, a esperanza na Providencia, a crença firme d'uma compensação aos nossos soffrimentos n'um mundo melhor. E' percorrendo as suas paginas tão varias que muitos se esquecem das amarguras da realidade.

Infelizmente porem, nas paginas desartificiosas d'essa singela narrativa A FILHA DO ARTISTA, o leitor apenas encontrará talvez, um merito unico—o de fallar ao coração, embora rarissimas vezes eu tivesse encontrado a *nota justa*, exacta e delicada para descrever os diversos cambientes de um sentimento.

S. Paulo, 30 de Agosto de 1899.

ANALIA FRANCO.



① Sofrimento

Quantas dores não vemos n'esta vida sem causa razoavel, sem fim manifesto, que ferem e prostram sem produzirem resultado nem desconto? O objecto d'estas dores não é o proprio mal que ellas geram?

E a vida, pelo ordinario, não é, tirante alguns lanços mais ou menos, contrarios, uma loteria esteril e triste? Que razão ha para que um avergue sob a desgraça sem compensação, enquanto outros parecem felizes, e, pelo menos, o são mais de que elle? Porque teve elle quinhão de tamanha amargura, que não pode remittir nem mudar?

E então, é sómente a morte quem responde a infortunios incomportaveis, e martyrios espedaçadores, e tribulações tamanhas e tão desiguaes? A ultima palavra é o nada? Nasceu pois o homem exclusivamente para ser desgraçado? E' destino d'elle o soffrer? Reduz se assim o seu destino a trabalhar, gemer, revolver a terra pensosamente, e revolver a outra vez para se abrir uma cova?

Fitar olhos no céu, que importa? Ahi não ha consolar nem esperar. Está lá um Deus que se praz de vê-lo penar, que ri das suas lagrimas e desesperações; Creou para a desgraça; e ficará contente quando o sepultar com sua dor: Oh! se assim é, nos, filhos do mal physico, devemos amaldiçoar o dia em que nascemos.

A odiosa natura, do que sahimos, apenas tinha de seu os males que nos affligem. Attribulados sem razão e sem medida, encaramos a dor como injustiça enigmatica: deixal-a bradar contra a Providencia, deixal-o negar a Deus, ou suppol o malvado. Não! Deus é bom. Deus é justo. E' pae, e não algoz de snas creaturas: repugna-lhe crear desgraçados. A dor na creatura que elle dotou de intelligencia, não se justifica por cego acaso, nem por vontade irracional. O homem soffre; ha uma Providencia: logo não sof-

fre em vão. A dor tem causa e fim. Porém, como na terra não se lhe vê o fim, nem lhe podemos adoptar motivo presente e humano quando ella excede nossas forças, só poderemos encontrar explicação n'outra vida.

Examinemos a dor: não pode ser mera tortura. Que significa, pois, a dor applicada á creatura intelligente e racional ?

Podemos unicamente consideral-a provação ou castigo, qualquer que seja a situação do homem, onde quer que o vejamos, no passado, no presente, ou no futuro. Se é provação força é que elle tenha tempo determinado, conceito que a dirija e juiz que a termine. Ora, no correr da vida, quando foi que a dor cessou ? em que momento se consumiu ? quando teve as retornos de paz e repouzo ? em que idade tocou o ponto culminante ? Na mocidade, certo que não foi, porque então principiou.

Seria na idade madura em que tantas paixões se balham, e tantas paixões se travam ? Seria na velhice ? Poderia ser, porque esta é a razão da paz e serenidade. Mas a propria velhice que multidão de cuidados a mortificam ! quantas enfermidades a golpeiam ! A dor é irrequieta : não repousa senão depois de rompidos os laços da amizade, das illusões perdidas, para além do termo em que já não ha senão esperanças. A dor, em yerdade é o extremo remate da provação diurna.

Não ha, pois, fatalidade nem terror das dores. Deixamos o sentimento, e arredam a desesperação. Não nos distanciam, avisinham-nos de Deus. Facto, muito para reparos: o homem que devia insurgir se contra a dor, se ella fosse cruel e iniquidade, com ella se pacifica. E-lhe por vezes, lição e beneficio. Vingam o seu intento, e melhora-lhe a condição. E aquelle que esqueceu Deus e a virtude na prosperidade, quando a desgraça, como hospede celestial, o visita, torna sobre si, e ao dever que menosprezou quando feliz. Reconhece ó homem, a missão Providencial que a dor ha de exercer no porvir. Reconhece a procedente de Deus

benigno, e não do Deus terrível. Reconhece que o teu exercício laborioso e fecundo é trabalhar para a eternidade. Se não houvesse vida futura, os infortúnios que avexam a humanidade não conteriam sentido, nem sabedoria, nem licão. Na eternidade, a dor é um hymno a Deus, um nobre sacrificio, titulo á gloria e penhor de inalienavel felicidade.

De Puchesse

MINHA IRMÃ

*Quando desponta ridente
A rosea luz da manhã,
Minh'alma te vê contente,
Meiga irmã.*

*Quando a lua mui risonha
Brilha entre estrellas louçã,
Minh'alma contigo sonha,
Minha irmã.*

*Quando estou em um jardim
Vejo-te em flor na romã,
Pura no ledo jasim,
Doce irmã.*

*Nos meus livros retratada...
Pela noite ou de manhã
Eu vejo te, ó minha amada,
Boa irmã.*

*Sempre a tua casta imagem
Ante mim vejo louçã.
Da innocencia em doce aragem.
Minha irmã !...*

M. R. Garcia Junior.

A CRETINA

Rompia a aurora, a escuridão ia pouco a pouco se dissipando; as ultimas estrellas dubias e pallidas desapareciam ante os primeiros reverberos do arrebol matutino.

A essa hora, as graciosas e encantadoras casas d'um dos mais pittorescos arrabaldes da cidade de***, destendiam-se n'uma paysagem surprehendente, illuminadas pelos niveos clarões da madrugada.

Por entre as formosas habitações que quasi desapareciam emboscadas nas verdejantes moitas do arvoredo, sobressahia entre todas uma mais sumptuosa, a qual erguia-se sobranceira ao mar, cercada por um vasto jardim, fechado por linda grade de ferro fundido, por onde debruçam-se e enroscam-se serpenteando, festões de palmas e flores de cores vivas e scintillantes.

No fundo do jardim avistava se envolto em densa cercacção, uma rua larga e pedregosa por entre laranjaes floridos, e que ia terminar em formosíssimo carramachão, assentado quasi ao sopè d'um rochedo que defronta com o mar, o qual lhe fica aos pés lá embaixo.

No carramanchão todo matizado de viçosas e odoríferas violetas, havia uma imagem de mulher, joven em niveas vestes, pallida e melancolica como uma virgem aerea de Ossian. Essa moça delicada e graciosas, ali no meio d'aquella solidão isolada e esquecida a uma tal hora, assemelhava-se effectivamente a uma das visões ethereas do cantor de Morven.

Quando os seus bellos olhos volviam-se para o céu absorta n'um profundo scismar, o seu rosto alvo como o lyrio adquiria uma expressão suave, meiga, quasi angelical. E ella soffria porque as lagrimas como aljofares borbulhavam-lhe á flor dos olhos.

Depois de ter permanecido por longo tempo abysmada nas suas tristes cogitações, ergueu-se lançando em volta de si um olhar prescutador, e começou a caminhar para o

rochedo. Ali chegando ella cantou uma melodia simples e melancolica, repassada de sentimento infinito.

A accentuação dulcissima d'aquelle canto, repercutia-se tristemente de envolta com o marulhar das espumas, e parecia chorar de dor.

A moça calou-se por fim, permanecendo immovel e curvada sobre o rochedo, com os olhos fitos no mar.

Dir-se-ia uma d'essas estatuas que se debruçam sobre os tumulos.

A vista do mar d'aquella altura tinha o que é de severo e triste, que impressiona profundamente. A joven contemplando-a, evocava talvez na imaginação alguma dolorosa scena; algum drama sangrento que presenciara em outra epoca; porque um indisciplinavel estremecimento lhe percorria todo o corpo. Ella que encetara o mais florido caminho da vida no meio dos esplendores do luxo, rica, adorada e feliz, com a alma cheia de fé e esperanza, viu de subito toldar se o céu de sua felicidade pelo tufão da desventura, ficando vacillante e só na escabrosa senda da existencia. Ah! que de memorias evoca na mente da infeliz a »ontemplação do mar! — semelhante vista era para ella um mundo de infinitas e pungentissimas recordações.

Aos seus olhos avulta uma imagem querida envolta em um véo de mysteriosa saudade. Era um bello moço de intelligencia vasta e activa, cheio de ardor e coragem juvenis, a quem ella tanto amava. Como fora tão feliz então! Quantas horas deliciosas e inolvidaveis não gozara ella n'aquelle ponto que era o seu passeio predilecto, e o prazo dado para encontros e entrevistas com Euclides.!

*
* *

Todos os dias ao romper da aurora, elle sulcando as ondas n'um fragil batel, vinha postar-se alli em baixo ao pé da penedia, com os seus olhos fitos no seu cume alcançado, não ousando acreditar na incomparavel felicidade que

se approxima, receiando á cada instante que algum accaso imprevisto a fizesse ainda desapparecer. De subito porem, a ventura illumina-lhe o semblante, como se lhe estampasse na frente um raio de luz, vendo emmergir lá no cimo do rochedo o vulto sympathico de sua encantadora Floripes.

Mal ella assoma, estabelece-se entre ambos, ainda que de longe, o dialogo das suas confideucias intimas.

Encantados e fascinados, entregam-se docemente aos ineffaveis extazis do seu mutuo affecto. Quando se despediam o seu unico pensamento, era verem-se no dia seguinte. A sua felicidade as suas esperanças, resumiam-se para elles na suave ventura de jurarem todas as manhãs alli a sós, a sua fidelidade eterna, tendo por unicas testemunhas a cupula azulada do céu, e o oceano.

O pae de Floripes, um rico titular nimiamente orgulhoso dos seus brazões, de character ambicioso e perfido, opunha-se á affeição da filha, por um moço pobre, cuja posição dependia apenas dos seus talentos e bellas qualidades. Floripes porem, subtrahindo-se aos obstaculos suscitados pela opposição do pae; e illudindo á sua severa vigilancia, encontrara meios de ver, e conversar furtivamente alguns instantes com o escolhido do seu coração, alli no alto da rocha alcantilada ao alvorecer do dia.

Todavia esse affecto puro, nobremente sentido por duas almas superiores, que pela primeira vez amavam na vida, irritou em extremo ao rico titular, o qual tendo conhecimento das entrevistas da filha, lavrou friamente a sentença de morte d'aquelle que para tão alto, ousara erguer os olhos.

O inditoso moço animado das mais fagueiras esperanças, apenas apontava a aurora, aprestava-se em guiar o seu pequeno batel para o pé da penedia, a gosar os curtissimos instantes da sua sonhada ventura, mal cuidando na fatal condemnação, com que em breve ia fulminal-o o seu implacavel destino. N'uma formosa manhã ao chegar, como de costume, junto ao rochedo, antes que pudesse fazer o minimo

movimento, sentio-se de subito atacado por dois vultos desconhecidos, que o arrojaram de encontro a penedia, depois de feril—o mortalmente.

O desventurado moço, lacerado, crivado de feridas e esvaído em sangue, nos paroxismos da morte, exhalando os ultimos alentos, deixou escapar n'um gemido surdo, abafado, o nome de sua estremecida Floripes, em seguida desappareceu submergindo-se para sempre no profundo pégo.

A essa mesma hora Floripes dominada por um indefinivel mixto de esperança e de terror caminhava apressadamente para a desejada entrevista. Julgando ouvir o ruido de passos rapidos no jardim de ordinario deserto e silencioso, dirigiu-se tremendo para o rochêdo, e ainda pôde ouvir distinctamente um brado de angustia e o attrito d'um corpo que cahia no mar.

Inquieta, anciosa e pungida pelo sinistro presentimento d'uma catastrophe proxima e inevitavel, sem medir o alcance do perigo a que ia ficar exposta, galgou intrepidamente a penedia.

Nos confins do horisonte appareciam os primeiros reverberos da alvorada e a lua ainda campeava serena na estrelada cupula do céu, illuminando com seus pallidos esplendores o vasto pelago do oceano.

A moça comprimindo o coração que lhe batia offegante e ancioso, como se lhe quizesse saltar do peito, com um olhar investigador penetrou a fundura esverdeada do mar, e nada mais viu que uma ondulação de sangue á superficie das aguas, alastrando-se em avermelhados circulos. Pareceu-lhe ouvir então de envolta com as lufadas da ventaniã, n'um timbre de voz muito sua conhecida, os gemidos d'uma vida que se extinguiu. E' possivel comprehender-se, mas não é facil descrever-se toda a violencia de tão tremendo golpe. Por um inexplicavel presentimento tudo advinhara.—Euclides succumbiu alli por sua causa, assassinado cobardemente.

Muda e immouel, como se um raio a tivesse fulminado, por alguns instantes ficou n'uma especie de anesthésia. Quan-

do porém voltou á faculdade de sentir, nem lagrimas conseguiu para desabafar a pungentissima angustia que a suffocava.

Despedindo um brado de dor suprema, deixou-se cahir sem sentidos por sobre o rochedo que n'esse momento julgou ser o seu esquite.

Quando a inditosa Floripes, que fora transportada ao seu leito, conseguiu despertar d'essa como que fulminação, sentiu em si um desmoronamento intimo, ja não era a mesma.

A dor como uma devastação fatal a transformou, e todas as suas alegrias, todas as suas esperanças pareciam-lhe envoltas em lugubre mortalha.

Durante o longo periodo d'essa lethargia inconsciente, em que perdera completamente a noção de tudo quanto a cercava, de nada se lembrara, apenas julgava ter ouvido de seu pae as mais terriveis ameaças, para que guardasse o mais absoluto segredo em relação ao desenlace do seu desventurado amor.

Essa infeliz a quem a nefasta ambição do pae, destruiu completamente a felicidade, preparando-lhe um longo e excruciante futuro de amarguras e lagrimas, guardou religiosamente o segredo que lhe fora ordenado. Jamais os seus labios sempre mudos e inviolaveis, pronunciaram uma unica palavra em referencia aquelle, cuja lembrança ainda absorvia toda a sua alma, porque o coração não se esquece nunca, e como se diz, a saudade é o ultimo sentimento que expira em nós.

Ella fugindo sempre ás vistas indiscretas, passava agora os dias inteiros, abysmada em muda contemplação, no seu melancolico e solitario aposento. A's vezes quando todos ainda dormiam na casa, sahia furtivamente, cosendo-se com as arvores do jardim, qual uma virgem de Schiller, no valle mysterioso, e ia sentar-se na rocha alcantilada, com o olhar vago e absorto perdido na vasta extensão do ceo e mar que ao longe se confundem nas brumas do horisonte. Só allí é que ella desafojava n'uma torrente de lagrimas a sua inconsolavel dor.

A' vista do seu isolamento, do seu obstinado mutismo e dos seus modos excéntricos, todos julgavam-n'a cretina, e rrsim a denominavam na familia.

O que é certo porem, é que o espirito da infeliz Floripes, depurado pelo soffrimento, attingira ao contrario, uma sublimidade desconhecida, que elles estavam longe de imaginar.

Passaram-se muitos annos, e um dia de manhã, quando deram por falta da inditosa moça, encontraram-n'a serenamente deitada sobre as viçosas e odoríferas violetas que matizavam o carramanchão, hirta, gelada. A morte cerrando-lhe suavemente as palpebras, imprimiu-lhe no semblante, de envolta com as sombras do repouso eterno, a piedosa e santa resignação dos martyres.

ANALIA FRANCO.

UMA VIDA MODELO

XIV

No seu retiro de Nazareth, viviam os santos espozos em companhia de Jesus, que continuava a sahir mais frequentemente de casa, dando a todos o exemplo da pratica das mais elevadas virtudes, consolando os infelizes, purificando-lhes as almas, esp lhando-lhes esmolos e visitando os enfermos nos Hospitaes. Por esse tempo S. Joseph, já fraco e consumido dos trabalhos passados foi obrigado a guardar o leito. Sem duvida para que fosse maior a sua cor'ca de gloria, permittiu Deus que elle soffresse algumas enfermidades, taes como febres, dores de cabeça e rheumatismo. Supportava o santo tudo isto, com a mais evangelica resignação, sem jamais deixar escapar um só vislumbre de impaciencia, ou queixa até que alguns annos depois expirou serenamente ao lado de Maria Santissima, com a cabeça reclinada sobre o peito de Jesus, que lhe cerrou os olhos.

Dizem c s livros sagrados, que Deus concedeu a S. Joseph, não só um eminentissimo lugar de gloria, como uma particular protecção dos seus devotos, éspecialmente na hora

da morte. Algum tempo, depois da morte de S. Joseph, deu S. Jo o principio ás suas predicas. Envolto em pelles de camello, cingi do de uma correia, e rejeitando com desprezo as commodidades da vida, pregava a penitencia e o baptismo a todo aquelle povo annunciando a vinda do Redemptor e o reino do céo. Era numerozo o concurso do povo que vinha escutal-o, aatrabiço pela magestade que irradiava de todo o seu semblante admirados do fervor das suas palavras e da pureza da sua vida.

Elles recebiam das suas mãos o baptismo da penitencia, até que chegasse Aquelle que havia da confirmar o baptismo da remissão. Neste tempo Jesus tendo chegado aos triuta annos de idade, encaminhou se para o Jordão, em cujas mergens S. João se demorava como se o estivesse esperando. Ao avistal-o o Pre:ursor exclamou commovido:

« Eis o cordeiro de Deus, eis o que tira o peccado do mundo !

Este é Aquelle de quem eu disse : depois de mim virá o que me foi preferido, porque era antes de mim; e não o conheço, mas para o manifestar a Israel virá baptisar E confirmando o testemunha S. João accrescentou :

Vi o Espirito que descia do céo em figura de pomba e pousou sobre Elle, eu não o conhecia, mas o que me enviou para baptisar em agna disse :

Aquelle sobre que vires descer o Espirito e pousar-se Esse é o que baptisa no Espirito Santo » — Então Jesus approximando-se-lhe pediu-lhe o baptismo, porem elle recuseu dizendo :

« Eu sou o que devo receber de ti o baptismo, e tu vens a mim ?

Jesus replicou-lhe : — Deixa me por ora, porque nos é preciso cumprir toda a justiça. João obdeceu. E logo foi baptisado, sahe Jesus para fora. d'agua, abriu-se-lhe os ceus e vin o Espirito de Deus que descia como pomba e vinha sobre elle.

Uma voz de cima disse ao mesmo tempo : — Este

é o meu Filho amado e n'elle tenho tido a minha complacencia. A parte de Jordão onde Jesus recebeu o baptismo, fica defronte de Jerichó. Nada igual-a aos esplendores das manhãs da primavera nesses sitios banhados pelo Jordão. Nas suas margens a natureza s'ostenta sempre veridante, por entre paisagens suavissimas e de encantadores aspectos.

Quasi toda a Galilèa é hoje muito triste, mas em alguns lugares cheios de sombras como no sitio em que se deu o baptismo de Jesus o rio é cercado de arvoredos tão alto que não se ve-as aguas senão depois de se romper por entre as ramarias e de chegar se ao pe, alli pois na incomparavel frescura das suas margens alfombradas de verdura e boninas, respira-se ainda a graciosa negligencia e suavidade indirivel que devia existir na epoca de Jesus. No geral porem todos os lugares onde se deram os maravilhosos factos da vida do Redemptor, inspiram tão profunda impressão, que se não extingue jamais, e ha alli sitios que teem o poder doloroso de eyocar tudo quanto pode existir da magoa e de tristeza no coração humano e de responder á dor interior por uma dor por assim dizer, material. A' cada passo, como que repercute no mais intimo d'alma a voz angustiosa das lamentações, e cada olhar paira sobre um monumento de santa tristeza, que absorve as nossas melancolias individuaes nas miserias ineffaveis da humanidade que alli soffreu expoz-se e consagrou se.

S. Paulo.

Annuaire Franco.

UMA REMINISCENCIA

A ultima vez que eu vi Alcina, foi em uma bellissima tarde de festa solemne.

No ar atrovavam os alegres repiques, os foguetes, e o sussurar do povo de que regorgitavam as ruas. Pouco tempo depois transitava a procissão com o seu brilhante sequito, e eu d'uma janella extasiava-me ao ver desfilar as alas interminaveis das irmandades com as suas opas, a cami-

nharem a passo grave, os anjinhos vestidos de variadas cores e scitillantes de galas, no fim do cortejo o povo que aglomerava-se, fremia e acotovelava-se desordenadamente, ao som de uma marcha executada pela banda de musica que fechava o prestito. Durante o trajecto da procissão, vi surgir por cima da multidão, uma mãosinha cor de neve e quasi imperceptivel que accenava repetidas vezes como se quizesse convergir sobre si a attenção de alguém, fitei os olhos n'aquelle ponto e descobri a cabecinha loura de Alcina que nos braços da ama me sorria e me dizia adeus. Quando eu vi desaparecer aquella alva mãosinha, que d um dos angulos da rua ainda continuava a accenar-me, senti apoderar-se, de mim uma subita tristeza e desatei a chorar sem saber porque.

Na infancias as alegrias e as dores succedem-se rapidamente, foi bastante uma caricia de minha mãe, para que bem depressa olvidasse aquellas lagrimas cuja origem eu não podia definir.

* *

O tempo porem no seu lento perpassar, veio explicar-me o que então eu não podia comprehender. Essa creança que possuia em gráo tão elevado a intuição do intangivel e do sobrenatural tinha se despedido para sempre de mim; aquelle adeus tantas vezes repetido fora um adeus supremo.

Dous dias após a festa repentinamente ferida por uma molestia fatal, despio o envolucro terreno e voou para a mausão de Deus.

Aquella singular creança não tinha ainda completado a sua terceira primavera, quando deixou de existir.

Ha desoito annos que ella repousa no seu gelido e eterno leito, mas na minha mente revive sempre; é que as impressões da infancia são inolvidaveis; e não se extinguem jamais.

ANALIA EMILIA FRANÇO.

